

I

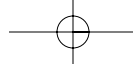
Excepção monstruosa, regra monstruosa

Os animais lutam, mas não fazem a guerra. O ser humano é o único primata que se dedica à matança dos seus semelhantes de forma planeada e entusiástica e em larga escala. A guerra é uma das suas descobertas mais importantes; a capacidade de estabelecer a paz poderá vir a ser uma conquista posterior. As tradições mais antigas da humanidade, os seus mitos e lendas heróicas, tratam principalmente de assassínio e violência. Não era só para servir técnicas bélicas que se procurava fazer a guerra com a máxima proximidade física. Também em termos psicológicos é mais satisfatório descarregar o ódio naqueles que conhecemos, isto é, os nossos vizinhos directos. Deste modo, a guerra civil afigura-se não apenas um velho hábito, mas a forma primária de todos os conflitos colectivos. Encontrou a sua representação clássica há mais de dois mil e quinhentos anos; a *História da Guerra do Peloponeso*¹ nunca foi superada. Por

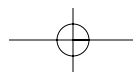
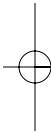
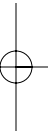
1 Obra de Tucídides, historiador grego (460-396 a. C.), fundador da historiografia objectiva moderna. (N. T.)

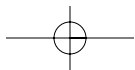
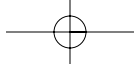
outro lado, a guerra «cultivada» entre Estados, perpetrada contra um inimigo externo, é um desenvolvimento relativamente recente. Ela obriga à existência de uma casta profissional de guerreiros, à criação de um exército permanente e à distinção entre civis e militares, e leva à criação de rituais complexos, desde a declaração de guerra até à capitulação. No séc. XIX, a chacina foi de algum modo racionalizada: por um lado, sofreu um aumento enorme com a introdução do serviço militar obrigatório e com o avanço da técnica; por outro, os estados procuraram submeter as suas guerras à regulação do direito civil. Estas regras foram estabelecidas pela primeira vez na Convenção de Guerra de Haia, em 1907. Sob esta perspectiva, a guerra civil aparece como excepção à regra, como forma irregular do conflito. Clausewitz não lhe dedicou uma só palavra no seu manual sobre a arte da guerra. Até agora não existe uma teoria aplicável da guerra civil.

A louca realidade não pulveriza apenas as definições formais dos juristas. Também as estratégias do Estado-Maior sucumbem a uma nova desordem mundial, sob o signo da guerra civil. Com ela, cria-se uma situação antes desconhecida que se choca com o atavismo das concepções predominantes, o que vem acrescentar novos dados a antigas questões antropológicas. O que será mais estranho: matar pessoas conhecidas ou aniquilar um inimigo do qual não se faz nenhuma ideia, nem sequer falsa? Para os bombardeiros da Segunda Guerra Mundial o inimigo era uma pura abstracção, e as companhias, que ainda hoje esperam nos *bunkers* a ordem de lançar os mísseis, estão hermeticamente isoladas da percepção das consequências decorrentes do acto de apertar



o botão — uma situação tão perversa que uma guerra civil, por comparação, parece quase normal. Esta não é talvez a exceção, mas sim a regra: o ser humano destrói aquilo que odeia, e normalmente são os rivais no próprio território. Há uma correlação ainda por esclarecer entre o ódio ao próximo e o ódio ao desconhecido. O vizinho terá sido, originalmente, o *outro* desprezado, mas, com a formação de comunidades maiores, o estranho do outro lado da fronteira foi declarado inimigo.







II

Velhas dívidas, nova plebe

O fim da Guerra Fria marcou também o fim do idílio do Ocidente protegido pela força. O equilíbrio angustiante da *Pax atomica* já não existe. Até 1989, duas superpotências armadas com a bomba nuclear enfrentavam-se implacavelmente, e a Alemanha dividida era o ponto de confluência desta confrontação. Os medos provocados por essa situação instável já foram em parte esquecidos. Outros instalaram-se em seu lugar. Hoje, os sinais mais visíveis do fim da bipolarização da ordem mundial são as trinta ou quarenta guerras civis a acontecer, abertamente, em todo o mundo. Nem sequer se consegue saber o número exacto, já que o caos é incontável. Tudo indica que, no futuro, a situação não irá melhorar, mas sim piorar.

Ninguém estava preparado para esta transformação radical. Ninguém sabe o que fazer. É possível que tenhamos entrado num estado de aglutinação, conjuntura inteiramente nova na política. Para o compreender, é necessário olhar para trás, para as guerras civis do passado. A pior e mais prolongada jamais vivida na Alema-

